

VIERTLER, R. Métodos antropológicos como ferramenta para estudos em etnobiologia e etnoecologia in AMOROZO, M.; MING, L. C.; SILVA, S. P. Rio Claro: UNESP/CNPQ, 2002, p. 11-29.

MÉTODOS ANTROPOLÓGICOS COMO FERRAMENTA PARA ESTUDOS EM ETNOBIOLOGIA E ETNOECOLOGIA

Renate Brigitte Vierler  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP  
renatebv@hotmail.com

1. O que é Antropologia ?

A Antropologia constitui a disciplina que se propõe a estudar a espécie humana, *Homo sapiens*, enquanto ser biológico e social, e suas obras. Existem várias sociedades também no reino animal, com organizações sociais das mais variadas, principalmente ao nível dos primatas superiores. Contudo, os representantes da espécie *Homo sapiens* possuem a característica única de desenvolver comportamentos culturalmente muito variáveis.

A Antropologia subdivide-se em dois ramos distintos, por sua vez subdivididos em várias subdisciplinas. Assim, o ramo da Antropologia ~~que lida com os organismos humanos~~ do ponto de vista das ciências naturais, a Antropologia Biológica, subdivide-se em Paleontologia, Genética das Populações, Evolução e Ecologia Humanas, além de várias outras. Já o outro ramo da Antropologia, que lida com a vida social e as obras dos seres humanos, é estudado por várias sub-ciências sociais, tais como a Antropologia Social, a Antropologia Cultural, a Etnologia, além da Antropologia Arqueológica e da Antropologia Lingüística. E, finalmente, cabe mencionar a Antropologia Psicológica, que tenta fazer a ponte entre as ciências humanas e sociais.

Da perspectiva antropológica, *Homo sapiens* desenvolve um tipo de comportamento que, além de determinantes biológicos, demográficos, fisiológicos, e psicológicos, possui

21/08

10

220

Ally

15 ps

OS  
OT  
OS  
OS

do  
al.  
ca  
lis  
te  
ka

m  
,  
A  
A  
a  
a  
O  
e  
a  
s

determinantes sócio-culturais. Tais determinantes sócio-culturais nos remetem a dois conceitos básicos nas ciências sociais: o conceito de *sociedade* e o conceito de *cultura*, ferramentas conceituais da maior importância para a pesquisa dos problemas pertinentes à espécie humana.

*Sociedades* são agrupamentos de indivíduos da mesma espécie que possuem uma convivência organizada. As sociedades são constituídas de vários agrupamentos mais ou menos duráveis. *Culturas* são os modos específicos ou padrões que regem a convivência e a sobrevivência social por um tempo mais ou menos prolongado. Parte-se da hipótese de que o comportamento de um ser humano não pode ser explicado por ele mesmo, enquanto unidade de referência isolada, mas sim, que é necessário compreender as ações e comportamentos sociais dos seres humanos em termos de referências culturais específicos ao seu contexto social.

A cultura de uma sociedade ou subsociedade, de um povo, de uma nação, de uma classe social, de um grupo étnico, racial ou religioso possui implicações em vários domínios da existência dos seus portadores: o domínio do pensamento e o da linguagem, o das emoções, o das expectativas, valores e padrões de comportamento social, o das percepções do mundo físico, o das formas de imaginação, o das várias formas de criatividade e expressão artística, etc.

Estudar a cultura de seres humanos constitui tarefa que requer cuidados especiais por parte do pesquisador que, enquanto ele mesmo, igualmente um ser humano, não poderia escapar aos ditames culturais de sua própria origem social. Estudar culturalmente um "outro" indivíduo, grupo ou população, significa também tornar-se mais consciente de si mesmo enquanto postura e forma de vivenciar o mundo.

Esta dialética, ou relação dinâmica entre o observador e o observado, não ocorre no estudo de objetos vivos ou

inanimados que não sejam representados por outros seres humanos. Ao iniciar a sua comunicação, com seres humanos de mesma espécie mas culturalmente diferenciados, o observador humano deve impedir conscientemente que ele venha a projetar interpretações e significados de sua própria cultura. É extremamente fácil incorrer em projeções e mal-entendidos, já que superar nossos hábitos cotidianos de pensamento, julgamento e avaliação não constitui tarefa fácil.

Daí a necessidade de tentar interferir o mínimo possível na captação de sentidos ou significados a partir de constatações sensoriais tidas pelo pesquisador social. Este, quando está em seu campo de pesquisa, no caso no espaço físico de sua comunidade/de estudo, observa comportamentos e gestos, ouve depoimentos e falas que, de início, quando logram fazer sentido, o fazem em termos de uma decodificação de sentidos fundamentada em suas próprias categorias de referência cultural. Daí a exigência de avaliações mais criteriosas por meio da referência cruzada de várias técnicas de pesquisa de campo.

Cada cultura induz os seus portadores a desenvolver vivências peculiares a partir do entrelaçamento de certas modalidades privilegiadas de percepção do mundo natural. Tais modalidades privilegiadas de percepção ou primazias sensoriais variam de uma para outra cultura. Assim, uma tribo indígena do Amazonas como os Kashinawa, por exemplo, não confere primazia aos aspectos visuais do mundo físico tal como nós o fazemos.

No mundo Kashinawa, o mundo visível constitui um mero reflexo de um mundo mais real e importante, não-visível, que se manifesta por meio de experiências tais como os sonhos, as visões tidas durante tranSES, os cheiros e os sons emanados dos cantos e das danças religiosas. Neste contexto, como dialogar com um Kashinawa sem recair em monólogos ou imposições? Além desta dificuldade, lembremo-nos que,



A técnica mais fechada aos dados ênicos é representada pelo questionário, já que este é construído pelo pesquisador antes de ir ao campo, embasado em balanços bibliográficos de problemas de investigação previamente definidos e construídos sobre um arcabouço de conceitos e teorias científicas. Portanto, ao ser desenvolvido no gabinete e não no campo, o questionário dá primazia aos "dados éticos", ou seja, às idéias, hipóteses e categorias do mundo cultural do pesquisador.

Se o questionário corresponde à técnica mais fechada de lidar com as falas dos informantes, no outro extremo, está a observação participante. Por meio desta técnica, o pesquisador se entrega à rotina e à participação nas várias atividades de interesse dos pesquisados. Os nós de incompreensão percebidos pelo pesquisador pouco a pouco vão se dissolvendo por um complexo processo de "aprender fazendo", permitindo-lhe compreender com mais profundidade sentidos até então não detectados de referenciais culturais dos seus observados.

Entre estes dois extremos, questionário e observação, podemos mencionar técnicas em que ocorre uma relação de comunicação mais equilibrada entre a visão ênica (do pesquisado) e a visão ética (do pesquisador). Dentre tais técnicas está a entrevista.

A técnica da entrevista, se bem mais flexível do que o questionário pelo tipo de linguagem empregada, pode ser mais ou menos aberta às peculiaridades culturais do informante. Interessante é ressaltar que, durante a aplicação de entrevistas, dependendo do maior ou menor autoritarismo do pesquisador, pode ocorrer uma inversão de jogo quando, motivado pelas perguntas a seu respeito, o próprio informante passa a interrogar o pesquisador. Uma das questões mais comuns neste tipo de situação é o pesquisador saber justificar a contento as razões de sua presença na comunidade, já que ele pode, inclusive, ser involuntariamente associado com autoridades ou

personalidades cujas histórias de relacionamento anteriores à sua chegada em campo nem sempre ele chega a saber.

As entrevistas podem ser organizadas de várias formas: inteiramente estruturadas, quando todos os tópicos são fixados de antemão, antes do contato com o informante; parcialmente estruturadas, quando alguns são fixos, outros são redefinidos conforme o andamento da entrevista visando canalizar o diálogo para as questões a serem investigadas; e não estruturadas, quando as entrevistas seguem um diálogo livre entre pesquisador e informante. Enquanto as entrevistas estruturadas dão um maior controle da situação ao pesquisador, as não estruturadas dão um maior controle para o informante. Outra técnica bastante útil à coleta de dados para as ciências sociais é representada pela história de vida, por intermédio da qual se capta o processo de memória e de reflexão crítica de um ser humano sobre as suas vivências tidas em condições sociais altamente específicas. Por meio desta técnica, é possível constatar valores, expectativas, ideais de vida, ponderações, frustrações e sofrimentos face aos vários processos sociais vivenciados pelos informantes. E, quanto mais o informante é deixado falar por si mesmo, mais nos deparamos com a sua própria visão e inserção de mundo, bem como das transformações nele contidas. Evidentemente tais histórias de vida fornecem dados ênicos que devem ser cuidadosamente processados pelo pesquisador para poderem ser recodificados em termos de uma abordagem ética, ou seja, em termos de conceitos e concepções científicas.

#### Registros de dados

##### a) O diário de campo

Na pesquisa social antropológica torna-se indispensável o uso de um diário em que são anotadas desde as observações feitas até as impressões subjetivas tidas pelo pesquisador com

REFLEXÃO  
DA VIDA

relação a fatos ocorridos na comunidade em que desenvolve o seu trabalho. Impressões subjetivas sobre fenômenos desconhecidos e intuições podem vir a constituir um instrumental precioso para futuros "insights", que podem ou não confirmar previsões baseadas em teorias científicas.

#### b) A gravação de dados

Os registros fonográfico e fotográfico nem sempre são bem recebidos por parte dos informantes que os percebem como técnicas invasivas à sua privacidade. No caso de sociedades indígenas, tais aversões são levadas a extremos, pois uma fotografia, espécie de "captura" ou "aprisionamento de imagem", é associada à alma das pessoas. No caso de gravações de mitos, por exemplo, os índios costumam guardá-las e ouvi-las sigilosamente pois representam a voz dos antigos que não deve ser profanada.

A melhor forma de registrar este tipo de dados é pedir à comunidade que oriente o pesquisador nos passos necessários para tal, ou então que peça a alguém da comunidade que o faça. Haverá sempre algum jovem interessado em desenvolver-se na técnica da fotografia, filmagem ou gravação, e que tenderá a trilhar os caminhos e as etiquetas adequadas para não criar problemas na comunidade. Caso contrário, poderão ocorrer dificuldades e mesmo a expulsão de pesquisadores das suas áreas de trabalho, já que a apropriação de sons e imagens, quando vista como indevida e não autorizada pelos chefes locais, possui a conotação de roubo.

#### c) Desenhos e Mapas

Representações gráficas feitas pelos informantes, seja em papel ou na areia, são de imensa valia, e são muitas vezes utilizadas pelos informantes para ensinar àqueles que não sabem: os jovens e os pesquisadores.

#### A questão da variabilidade individual

Como já foi dito, na pesquisa antropológica partimos da idéia de que determinados agrupamentos ou sociedades humanas possuem modos de vida ou culturas muito variáveis umas das outras. Isto não significa que todos os portadores de uma cultura tenham os mesmos comportamentos ou as mesmas atitudes no convívio social. O comportamento cultural constitui, na verdade, um tipo de construção feita pelo antropólogo, uma espécie de comportamento "médio", construído a partir da observação de uma amostra razoável da população.

Qualquer sociedade humana, por mais simples que ela seja, possui uma estrutura social formada por um conjunto de grupos sociais baseados no parentesco (famílias que podem ser de vários tipos), no sexo (agrupamentos de homens e de mulheres), na idade (agrupamentos de crianças, jovens, maduros ou velhos) e na referência aos mortos (os ancestrais destes vários grupos).

A educação dos imaturos se faz no sentido de propiciar que eles venham a ocupar determinada posição ou status social em sua comunidade de vida. Do ponto de vista educacional, o que se ensina a um jovem do sexo masculino é diferente daquilo que se ensina a uma moça, educada para desenvolver atividades femininas. Em suma, a divisão sexual do trabalho na vida em sociedade faz com que os jovens tenham uma participação diferencial na cultura da sua sociedade.

Tendo em vista este fato universalmente constatado, o pesquisador de campo evidentemente deve construir a sua amostra de modo a neutralizar a diversidade engendrada pela participação cultural diferencial dos indivíduos segundo as suas posições sociais.

No mundo indígena, por exemplo, um chefe tende a saber

mais do que um subordinado exatamente porque foi criado para ser chefe. Na cultura Bororo, por exemplo, as mulheres não devem saber a respeito dos assuntos relacionados com o manejo cerimonial dos mortos. Em suma, nas sociedades ditas "tradicionalistas" ou não-capitalistas, é preciso construir uma amostra de informantes que dê conta desta variabilidade decorrente das suas respectivas posições sociais.

### 3. Questões a serem consideradas pelo pesquisador

Se considerarmos como Etnobiologia as classificações do mundo sensível que possuem os membros pertencentes a sociedades culturalmente diferentes daquela a que pertence o pesquisador, seremos obrigados a lidar com problemas já tratados por várias abordagens ou sub-disciplinas, tais como a Antropologia Cognitiva, a Etnometodologia, a Ecologia Humana, a Sócio-Linguística e outras.

Para lidar bem com tais problemas trata-se de desenvolver procedimentos formais visando verificar a validade de certas hipóteses de trabalho visando possibilitar ao investigador "pensar como se fosse o seu informante".

Pensar o mundo significa, entre outras coisas, classificar os aspectos de suas manifestações sensíveis tais como cores, gostos, sons, cheiros, estados fisiológicos e psíquicos dos organismos humanos, sons, animais, plantas, solos e minerais, fenômenos climáticos, outros seres humanos, artefatos, comidas, bebidas, etc.

Evidentemente que as classificações obtidas pelo investigador constituem um recorte de intrincadas cadeias de informações, dentre as quais aquelas relativas ao comportamento técnico e à vida prática dos informantes. Na realidade social, as classificações, que correspondem a um tipo de *saber* no mundo tradicional, sempre aparecem interligadas a um *fazer*, a uma vivência, a uma modalidade de

*cultura prática*, em outras palavras, a uma interferência real no ambiente do grupo investigado. Portanto, não ocorre a discussão do saber pelo saber. O que se sabe possui sempre algum objetivo prático.

Assim, no caso de investigações etnobotânicas, por exemplo, a classificação das plantas só possui sentido para os informantes se for construída a partir de várias práticas sociais, tais como o trabalho de cultivo da terra, a preparação de comida, remédios ou cosméticos ou a cura de doenças. E mais do que isto, é preciso integrar nesta "empatia" pelos informantes culturalmente diferentes, a existência de certas entidades sobrenaturais que requerem o rastreamento de um mundo sobrenatural inacessível à verificação empírica.

O saber pelo saber, tal como se nos aparece em nosso meio acadêmico, é totalmente desprovido de interesse e de sentido para os informantes de sociedades tradicionalistas em que ocorre a primazia do conhecimento enquanto potencial de angariar benefícios para si mesmas. Do mesmo modo, não é isto que ocorre entre nós, representantes do mundo capitalista, quando esperamos que nossos recortes formais da realidade cientificamente estudados possam ser úteis aos nossos interesses culturais de controle e dominação?

Outra questão que se coloca é a de saber até que ponto é possível chegar a reconstruir cientificamente um sistema de pensamento ou de classificação de indivíduos pertencentes a sociedades culturalmente diferentes.

Para dificultar ainda mais a tarefa, os portadores de culturas "outras" fundamentam o seu processo de elaboração racional em dispositivos de percepção sensorial e categorias de *temporalidade* - *espacialidade* diferentes daqueles do pesquisador formado no seio da civilização pós-industrial ocidental.

Concepções de tempo e espaço enquanto referenciais e

enquadramentos de pensamento e de linguagem possuem um caráter predominantemente inconsciente. Daí acontecer nas pesquisas de campo que parece um diálogo acabar se revelando como a justaposição de dois monólogos.

Enfim, todo o cuidado é pouco para decodificar o real significado cultural de verbalizações e de comportamentos de seres humanos, principalmente quando estes vivem em um contexto cultural estranho ao do investigador.

Podemos, isto sim, tentar algumas aproximações à compreensão de modos de pensar e classificar o mundo de "outros". Para isto é preciso desenvolver as pesquisas sem pressa, pois o tempo psicológico de processamento das experiências de campo por parte do pesquisador não segue o ritmo de relógios externos. Trata-se de um processo interno de maturação de diferenças culturais que são intensamente vividas, sentidas e até sonhadas, chegando a influenciar pelo resto da vida a trajetória intelectual e emocional do pesquisador.

Dada a complexidade do processo de comunicação intercultural, é evidente que, além do processo de amadurecimento do próprio pesquisador, estadias mais numerosas e prolongadas evidentemente aumentam em muito a "familiaridade" do pesquisador com os seus pesquisados além de lhe mostrar as alterações e conflitos na comunidade estudada, provocados por vários processos sociais. E é com as mudanças sociais, por vezes muito rápidas e bruscas, que se revelam certos padrões culturais de resistência que podem ser extremamente úteis à análise do pesquisador social.

Dentre várias outras dificuldades, merece menção, aquela associada com o uso da linguagem falada. E não se trata apenas de diferenças quanto às línguas faladas, coisa que evidentemente acarreta a utilização de concepções e categorias linguísticas muito diferentes entre informante e pesquisador.

Trata-se da relação entre o que é falado (*palavra*), o que é feito (*ação*) e o que é pensado (*pensamento*). Assim, podemos pensar em algo, mas deixar de mencioná-lo abertamente pela fala, e não agir de acordo com aquilo que pensamos. Por outro lado, podemos pensar em algo, falar delas mas deixar de agir de acordo com o que falamos. Continuando o raciocínio, podemos também fazer algo sem pensar nem falar, assim como podemos pensar em algo que faríamos sem falar, e assim por diante...

Projetamos sobre o desconhecido nosso próprio padrão de pensamento interligado ao uso de uma língua específica. Evidentemente, ganharemos em muito em objetividade se dominarmos a língua do grupo estudado. Mesmo quando este grupo fala o português, podem ocorrer peculiaridades de estilo, bem como alterações semânticas inesperadas, especificidades no uso de vocábulos e categorias que influenciam a compreensão de depoimentos verbais e de condutas por parte do pesquisador.

As conotações e denotações dos termos em língua nacional podem variar bastante, coisa que exige a troca de conhecimentos entre etnobiólogos, antropólogos e linguistas. Tal colaboração interdisciplinar se torna imprescindível principalmente quando se trata de compreender avaliações, gestos, entonação de voz, metáforas e metonímias expressas pelos informantes, aspectos estes que remetem o pesquisador à compreensão dos aspectos culturais latentes, mais profundos, de uma população.

Os aspectos mais profundos de uma sociedade humana só logram ser descobertos quando ocorre um envolvimento não só racional mas também afetivo entre pesquisador e os seus informantes. Neste contexto de profunda amizade e respeito é que os informantes permitem falar de seus segredos e sofrimentos mais pungentes, revelando-se nas suas fraquezas — na sua humanidade. Enfim, é preciso demonstrar

simpática e afeto para derreter o gelo de qualquer representante de nossa espécie...

No seu encontro com representantes de outras culturas, o pesquisador deve evitar uma série de armadilhas ou mal-entendidos que podem comprometer os resultados do seu trabalho de investigação. Para isto, é preciso pedir a cooperação de estudiosos da língua e da cultura da população selecionada.

A armadilha maior é representada pela suposição de que o informante possui a mesma atitude que ele frente à palavra, à ação e ao pensamento. Durante o diálogo, a atuação ou o manejo do outro não é apanágio apenas do pesquisador. Também o entrevistado maneja o pesquisador a seu modo, visando os seus interesses.

Os manejos de ambas as partes se encontram criando um determinado resultado: a compilação de certo tipo de dados em detrimento de outros, situação esta que exige novos manejos de pesquisa a fim de poder construir algumas hipóteses iniciais para dar continuidade ao seu trabalho de verificação empírica. E nestes outros manejos da situação de pesquisa com novos informantes ou com os mesmos informantes em novas condições sociais, ele poderá ou não ir verificando a validade de suas hipóteses para então expressá-las por meio de uma linguagem científica.

Uma questão epistemológica e metodológica crucial ao pesquisador social é representada pela constatação de que as classificações de animais, plantas, doenças, etc. não são fornecidas espontaneamente pelos informantes, mas são construídas por meio do diálogo destes com o pesquisador.

Assim, é em resposta aos estímulos do pesquisador que os informantes de sociedades tradicionalistas constroem os sistemas de classificação do seu mundo. Qual será a validade científica deste tipo de construção quando comparado com aquele feito pelos estudiosos de formas vivas que não a nossa espécie? Em outras palavras, haverá um mínimo de

homogeneidade metodológica entre as "taxonomias de folk" (sistemas taxonômicos desenvolvidos pela pesquisa de etnobiólogos em contextos culturalmente diferentes e não inseridos no modo de produção capitalista) e aquelas construídas pelos biólogos para que se pudesse chegar a formas de conhecimento mais universalistas? Isto porque, afinal de contas, os cientistas, enquanto representantes da civilização ocidental contemporânea, não poderiam se considerar arautos da verdade universal...

#### 4. Alguns tópicos de Antropologia úteis à pesquisa do etnobiólogo:

Um aspecto importante a ser considerado pelo pesquisador em Etnobiologia é a organização social da comunidade por ele estudada. Qualquer grupo, mais ou menos duradouro no tempo possui referenciais de uma ordem social que deve ser conhecida e respeitada pelo estudioso. Assim, existem relações sociais entre os indivíduos estudados, baseadas em vários critérios: o sexo, a idade, o parentesco, o prestígio social, a organização econômica, a organização política, as crenças e práticas ligadas ao sobrenatural.

Do ponto de vista cognitivo, é importante ter noções sobre as representações ou idéias coletivas que predominam em dada comunidade humana a respeito da vida em geral, do corpo humano, do ambiente natural e social. Tais representações sociais constituem o fundo sobre o qual o etnobiólogo vai construir as taxonomias e classificações do grupo investigado.

O pesquisador também deve relativizar o conhecimento evidenciado pelos seus informantes de acordo com a sua posição social. Assim, na discussão de espaços físicos, por exemplo, é preciso lembrar que o espaço não é apenas um espaço físico, mas também social.

—Deste modo, existem áreas frequentadas exclusivamente

por homens, assim como outras freqüentadas apenas por mulheres, em outras palavras, os espaços também possuem qualidades simbólicas. Assim, a mata e os rios constituem "espaços masculinos" para as sociedades indígenas; enquanto o mar o é para as sociedades de pescadores. Já a casa, seus arredores e os quintais representam "espaços femininos" no contexto de sociedades indígenas e de sociedades camponesas. Existem também os espaços interditados aos vivos, os cemitérios lacustres ou terrestres que, pelo isolamento, funcionam como centros de regeneração de espécies vivas. Constatam-se igualmente áreas naturais associadas a forças e entidades sobrenaturais, geralmente coincidindo com territórios de reprodução de várias espécies.

Nos vários espaços concebidos pelos membros de dada sociedade, regem padrões de conduta muito variáveis. Existem também variações nas expectativas e nas condutas sociais, provocadas pela alternância das estações (no caso, seca e chuvosa) e pela organização de cerimônias e festividades que engendram várias modalidades de "tempo social" e padrões de conduta social, engendrando as pulsações e os ritmos das diversas sociedades. Assim, ao morrer um índio Bororo, engendra-se um longo ciclo funerário envolvendo a presença de vizinhos, caçadas, pescarias, cantos e danças, ciclo este designado de "tempo das almas", cujos segredos não devem ser revelados às mulheres e às crianças e cujos efeitos se fazem sentir na própria vida cotidiana.

Outro tópico antropológico de grande interesse para o etnobiólogo é representado pelas "técnicas do corpo", ou seja, padrões de pensar e cuidar do corpo humano. Este assunto foi e continua sendo bem aprofundado pelos etnólogos e antropólogos.

A arte corporal e a religião e vida cerimonial podem fornecer pistas interessantes para o pesquisador na medida

em que remetem a concepções muito diferentes das pessoas relativas ao funcionamento do corpo, ao consumo alimentar, à estética corporal e à cura de doenças. Estas últimas são concebidas como sendo forças nefastas, substâncias invisíveis malignas enviadas por espíritos ou feiticeiros sob forma de gente, que invadem o corpo criando doenças. Portanto, também a cura de doenças deve ser feita de fora para dentro, coisa que se pode observar nas curas xamanísticas ou pajelanças observáveis em sociedades tradicionais.

Outra fonte preciosa de informações é representada pelos mitos, lendas, histórias e memórias contadas pelos velhos da comunidade estudada. Estes representam o testemunho de contextos sociais passados, que já não podem mais ser registrados pelo pesquisador, além de detentores da preciosa memória social gradativamente transmitida aos representantes das gerações mais novas.

Em suma, conhecer outras culturas envolve selecionar inteligentemente uma amostra representativa de informantes e distinguir entre aquilo que é fortuito, acidental ou mera peculiaridade de um único informante para resgatar aspectos mais gerais, padrões sócio-culturais que possam ser eficientes para iluminar uma lógica ou racionalidade para os comportamentos e pensamentos da maioria dos membros da sociedade, grupo ou comunidade estudados. Nem sempre tal diferenciação é fácil de ser resgatada com clareza, razão pela qual há a necessidade de recorrer a uma amostra minimamente representativa da população como um todo.

##### 5. Considerações finais

A ciência ocidental, apesar dos seus objetivos universalizantes, representa um modo de pensar que emergiu historicamente no seio da civilização ocidental. Por isto constitui, como qualquer outra forma de conhecimento do

mundo, uma construção cultural feita por e para membros integrados na civilização ocidental.

Deste ponto de vista, a ciência não é melhor nem pior do que outras formas de pensamento humano tais como aquelas contidas nos mitos, na arte ou na filosofia.

Peculiar ao pensamento científico, contudo, é que ele emergiu e se consolidou para depois, sob a forma de várias disciplinas, disseminar-se pelo mundo. Fato é que ele representa um tipo de racionalidade própria à civilização ocidental, em cujo bojo igualmente emergiu o modo de produção capitalista. Este capitalismo de produção alastrou-se pelo mundo, em parte escorado pelas descobertas científicas. Sob a forma de um capitalismo de informação, sob o ponto de vista cultural, foi se associando a um estilo de vida específico, o "american way of life", processo cultural de americanização este que tem como fundamento geopolítico a hegemonia mundial dos Estados Unidos.

Este estilo de vida está acarretando mudanças sócio-econômicas muito rápidas e profundas no planeta como um todo, dilapidando vários tipos de sociedades tradicionalistas, cujos membros se destinam a um crescente empobrecimento, à exclusão e à segregação social.

Se, por um lado, a ciência tem suas raízes no modo de produção capitalista, um sistema econômico socialmente perverso, por outro, ela tem a potencialidade de criar novas formas de pensamento crítico e alternativas de vida humana, alternativas muitas das quais já estão disponíveis, mas que ainda não lograram ser assimiladas e defendidas pelos homens do poder.

### Bibliografia básica recomendada

- CAMARGO, Aspásia et al. Histórias de Vida na América Latina. BIB., Rio de Janeiro, n. 16, p. 5-24, 1983.
- DEMO, Pedro. Elementos Metodológicos da Pesquisa Participante. In: BRANDÃO, Carlos R. (Org.). Repensando a Pesquisa Participante. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 104-130.
- FOOTE-WHYTE, William. Treinando a Observação Participante. In: GUMARÃES, Alba Zaluar (Org.). Desvendando Máscaras Sociais. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. p. 77-86.
- HAGUETTE, Teresa Maria F. Metodologias Qualitativas. In: Metodologias Qualitativas na Sociologia. Rio de Janeiro: Vozes, 1992. p. 61-105
- MICHELAT, Guy. Sobre a Utilização da Entrevista não Diretiva em Sociologia. In: THIOLENT, Michel (Org.). Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária. [S.l.]: Polis, 1982. p. 191-211.
- NADER, Laura. Perspectivas Ganhas pelo Trabalho de Campo. In: TAX, Sol (Org.). Panorama da Antropologia. Portugal: Fundo de Cultura, 1966. p. 89-99.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. Relatos Oraís: do indizível ao dizível. Revista Ciência e Cultura, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 272-286, 1987.